

Diversão & Arte

**A MORTE DE SEBASTIÃO SALGADO
DEIXA O MUNDO ÓRFÃO DE UM
OLHAR QUE COLOCAVA EM
PRIMEIRO PLANO A URGÊNCIA
DE MIRAR A DESTRUIÇÃO
E A TRAGÉDIA HUMANA**

“Não estou seguro que o ser humano vai sobreviver, mas não tenho mais uma preocupação se ele vai sobreviver ou não. O importante é que o planeta vai se refazer das mazelas que criamos nele, vai reconstituir o desequilíbrio que nossa espécie provocou”
Sebastião Salgado

Carlos Moura/CB



Sebastião Salgado: imagens que sensibilizaram o mundo

» NAHIMA MACIEL

Em fevereiro do ano passado, em entrevista sobre a exposição que preparava para o Instituto Moreira Salles (IMS), Sebastião Salgado avisou: “Fotógrafo não se aposenta”. Foi com esse espírito incansável para registrar o mundo que o brasileiro, nascido em Aimorés (MG) em 1944, construiu um dos arquivos mais importantes da história da fotografia mundial para deixar um legado humanista e necessário numa era de urgências climáticas e sociais. Sebastião Salgado morreu ontem, aos 81 anos, em Paris. A causa da morte não foi revelada, mas o fotógrafo sofria há anos em decorrência de uma malária adquirida nos anos 1990, em uma de suas viagens. Ele deveria comparecer hoje a um vernissage organizado para inaugurar os vitrais feitos pelo filho Rodrigo para uma igreja na cidade de Reims (França). Salgado, que também é pai de Juliano, já havia cancelado um encontro com jornalistas durante a semana por problemas de saúde.

O fotógrafo morava em Paris desde o fim da década de 1960. Foi na capital francesa, na qual fez um doutorado em Economia, que ele trocou a carreira de economista pela de fotógrafo. Como funcionário da Organização Internacional do Café (OIC), fazia viagens constantes à África e, de lá, trazia imagens feitas com a câmera da mulher,

Lélia Wanick. Foi apenas uma questão de tempo para mergulhar completamente no mundo do fotojornalismo e se tornar referência nas agências Sygma, Gamma e na lendária Magnum, que abrigou nomes como Henri Cartier-Bresson e Robert Doisneau. Foi de Salgado uma das fotos do atentado contra Ronald Reagan, então presidente dos Estados Unidos, que circulou pelo mundo inteiro em 1979. O brasileiro havia sido designado pela Magnum para documentar os 100 primeiros dias do governo Reagan e captou o momento dos tiros disparados por John Hinckley Jr. em um atentado que entrou para a história da política norte-americana.

Salgado escolheu o continente no qual nasceu para realizar o primeiro grande projeto dedicado ao registro das injustiças do mundo, a única pauta constante em toda a trajetória do fotógrafo. A América Latina foi o território retratado no livro *Outras Américas*, um ensaio realizado ao longo de sete anos de viagens iniciadas em 1977 pelo Nordeste do Brasil, Chile, Bolívia, Peru, Equador, Guatemala e México em busca dos rostos e modos de vida do que o jornalista Alan Riding, no prefácio da publicação, chamou de “mundo dos destituídos”.

Em seguida, Salgado se voltaria para a África com outro projeto monumental: *Sahel, o homem em pânico*, fruto de um ano de peregrinação

ao norte do continente para registrar o desastre de uma seca histórica. O impacto das imagens, que saíram em livros mas também ganhavam salas de museus e galerias, levou o nome do fotógrafo brasileiro para o topo da lista dos mais importantes fotojornalistas do planeta. Os projetos, sempre longos, eram também uma maneira de encarar o ofício do fotógrafo. “Para fotografar qualquer coisa, você precisa de um tempo. Existe um tempo da fotografia. As coisas, pode ser que elas aconteçam para você no pouco tempo que você teve para elas, mas é necessário você dar muito tempo para que aconteçam. O tempo da fotografia é um tempo muito mais lento do que a gente está acostumado”, disse ao *Correio* em 2014, em entrevista sobre a exposição *Gênesis*, que ocupou o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Com *Trabalhadores*, realizado entre 1986 e 1992, ele se voltou para o trabalho manual árduo que ainda está na base da sobrevivência de milhares de pessoas em todo o planeta. São desse ensaio as imagens do formigueiro humano em Serra Pelada que rodam o mundo e causam espanto até hoje. “Quando estava fazendo *Trabalhadores*, vi que estava fazendo o fim da primeira grande revolução industrial na mão de obra. Era a chegada das máquinas inteligentes substituindo o homem, um desemprego massivo na linha de produção na Europa. Era algo extraordinário.

Tomei a decisão de fotografar o fim dessa primeira grande revolução e vi que a indústria pesada, de aço, do automóvel estava saindo daqui e ia se fixar no Brasil, na China, em países com grande quantidade de mão de obra barata e matéria-prima”, contou ao *Correio*, em entrevista concedida em 2022.

Exodos, sobre os deslocamentos e migrações humanas provocados por tragédias como as guerras, a fome e os desastres ambientais, viria em seguida, no fim do século 20, como um prenúncio para *Gênesis*, no qual Salgado se voltou para os locais mais recônditos da Terra, numa tentativa generosa de mostrar o quão urgente é proteger o planeta. “*Gênesis* mudou a minha percepção. Eu fotografava o ser humano, tinha uma preocupação com as coisas do ser humano e achava que só ela tinha importância. Eu estava completamente mergulhado na minha espécie. A grande transformação na minha vida foi que descobri, através do Instituto Terra e depois do *Gênesis*, que a minha espécie é tão importante quanto todas as outras. E são milhares de espécies que compõem essa unidade que é o nosso universo, essa é a diferença pra mim”, revelou em 2014, em entrevista ao *Correio*.

A Amazônia foi o último grande projeto do fotógrafo, que fez da causa humana e ambiental um modo de vida. “Tive a oportunidade imensa, quando fui fazer *Gênesis*, de conhecer

uma grande parte do lado prístino do nosso planeta e isso me levou à Amazônia”, contou, em 2022, em entrevista sobre a exposição resultante do projeto. “E trabalhei com várias tribos na Amazônia brasileira. Mas, vendo o que estava acontecendo na Amazônia, vi que estava tendo um avanço imenso na destruição da floresta, principalmente vindo da periferia para o centro. Como brasileiro, com preocupação imensa com as comunidades indígenas, resolvi dedicar um pouco da minha vida a fotografar a Amazônia”.

Em 1998, Salgado e Lélia começaram a restaurar a floresta de Mata Atlântica de uma fazenda da família em Aimorés (MG) que, ao longo de décadas, havia sido destruída para dar lugar a plantações. A recuperação trouxe de volta a biodiversidade e a vida animal e vegetal da região e semeou o caminho para a fundação do Instituto Terra, dedicado à transformação da bacia do Rio Doce em uma área sustentável. “Não estou seguro que o ser humano vai sobreviver, mas não tenho mais uma preocupação se ele vai sobreviver ou não. Não tenho mais essa decepção que eu tive quando terminei o *Exodus*, onde eu estava totalmente concentrado só no ser humano. Hoje, não é importante se o ser humano terminar, o importante é que o planeta vai se refazer das mazelas que criamos nele, vai reconstituir o desequilíbrio que nossa espécie provocou”, disse o fotógrafo.